



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**POR UMA BIOGRAFIA POSSÍVEL DO *LIVRO DE VIAGENS*, DE
BENJAMIN DE TUDELA***

Leandro Penna Ranieri**

A proposta deste texto movimenta-se de forma híbrida: buscamos realizar um ensaio que contenha tanto os direcionamentos de um potencial projeto de pesquisa, como um levantamento de informações a partir das fontes secundárias para o estudo de um caso circunscrito pela História do Livro e dos Diários de Viagens. Mesmo sendo um trabalho de mais intenções do que concretizações, primeiramente buscamos apropriar-nos de perspectivas metodológicas que estejam de acordo com nosso objeto, em seguida movimentando-o em seu terreno de análise. Assim, declaramos nosso interesse por uma história do livro e, de forma invertida, tratemos de método antes de abordar o objeto e a

* Este trabalho é fruto de um interesse temático de pesquisa sobre aspectos socioculturais da relação do ocidente e Oriente Próximo na Antiguidade e Alta Idade Média, em especial as movimentações humanas entre as regiões; e é fruto também de discussões circunscritas pela disciplina “Culturas do Livro na História e Historiografia das Ciências”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Agradeço aos docentes responsáveis pela disciplina, Dr. Thomás Augusto S. Haddad e Dr. Rogério M. de Siqueira, pelas contribuições, e à mestranda Larissa Corat Fernandes pela leitura crítica do material. Também agradeço ao professor Dr. Marcelo Rede (FFLCH-USP) pela indicação de materiais secundários para leitura. Esta versão foi finalizada após a apresentação em 14/11/2014 no VII Simpósio Nacional de História Cultural, realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, no Simpósio Temático “Escritas de si e sua recepção: biografias, autobiografias e diários”, organizado pelos professores Dr. Robson M. Pereira (UEG) e Alexandre Pacheco (UNIR). Agradeço a eles pelas valiosas contribuições durante a discussão no simpósio e aos colegas presentes, Ms. Rafael O. Falasco e Ms. Eduardo Henrique B. de Vasconcelos (UEG).

** É doutorando em História Social pela FFLCH-USP. Contato: ranierileandro@gmail.com

temática. Tomamos os encaminhamentos propostos por uma nova história do livro¹, no que se refere a quais facetas devem ser observadas em sua investigação, em especial aquelas que permitem uma aproximação com os modos de recepção e apropriação e de seu conteúdo. Mesmo o livro sendo o objeto central das investidas examinativas e compreensivas desta historiografia particular, o suporte contextual é, obviamente, fundamental e necessário. Contudo, documento e fonte da pesquisa, o livro é acessado na atualidade nossa, como próprio do fazer historiográfico, e nunca poderá ser visto na sua efetividade² em seu contexto. Dessa maneira, o esforço deve ir em direção à tentativa de “devolver” o objeto a seu contexto, buscando examinar seu papel (social, cultural, material) em relação, mútua, à dinâmica do social. Por isso, no momento necessário, o objeto é “desdocumentalizado”³, somente fazendo sentido sua “leitura” contextualizada. Dessa maneira, não sem cautelas, é possível uma “biografia das coisas”⁴.

Organizamos este trabalho em quatro partes: a primeira, indicamos panoramicamente as informações da obra, objeto de estudo; em seguida, apontamos primeiros elementos contextuais para compreendê-la; na terceira parte, discutimos brevemente aspectos relacionados a possibilidades de pesquisa, tanto já encaminhadas pela literatura, como outras em nossa perspectiva; por fim, retomaremos aspectos teórico-metodológicos que poderão fundamentar futuras propostas investigativas.

A OBRA

Ora em questão, temos o *Livro de Viagens*⁵, escrito pelo rabino Benjamin de Tudela (Binyamin ben Yonah mi-Tudelah, 1130?-1173 d.C.). Sumariamente, Benjamin conduziu uma viagem para o Oriente a partir da década de 60 do século XII d.C., saindo da Espanha e passando pelos territórios – hoje países – da França, Itália, Turquia, Chipre,

¹ Cf. Chartier (1981) e Johns (1998).

² O termo efetividade aqui utilizado pode ser entendido como um elemento próprio da agência, conceito contemporâneo nas Ciências Humanas. Não descartamos esta vinculação, mas para as intenções deste trabalho, não buscaremos desdobrá-la, podendo ser uma tarefa importante na execução de uma pesquisa futura.

³ Cf. o procedimento metodológico proposto por Meneses (2012).

⁴ Cf. Rede (2012).

⁵ Encontramos as ocorrências do nome do livro, em hebraico transliterado, como *Sefer Massa'ot*; *Séfer Masaot*; *Mas'ot shel – R. Binyamin*; *Massa'ot shel Rabbi Binyamin*; *Sefer ha-Massa'ot*. Adotaremos aqui o nome *Livro de Viagens*, conforme recorrência nas referências contemporâneas.

Síria, Líbano, Israel, Iraque, Arábia Saudita, Egito, e retornando para Itália e Espanha. Grande parte da rota é bem definível através da descrição feita por ele; o que é incerto é o retorno, em especial a partir da Arábia Saudita, quando se perde, pelas descrições, sua rota; também é possível que a viagem não tenha sido de fato terminada⁶ e que alguns relatos de lugares mais distantes, como a China, tenham sido feitos a partir de outros relatos orais, e não após uma visita em primeira pessoa⁷. O livro é o primeiro relato de viagens escrito em língua hebraica que conhecemos⁸.

Em termos documentais, os manuscritos somente foram encontrados a partir de 1903⁹. O mais antigo, que se encontra no *British Museum* de Londres (MS 27089), é de origem germânica datado entre finais do século XII e início do XIII, estando, portanto, próximo à viagem de Benjamin¹⁰. Além disso, há a hipótese de que esta versão é incompleta¹¹, pois não há, por exemplo, padrão na extensão descritiva de regiões suposta e igualmente importantes para o viajante. O segundo manuscrito mais antigo, *Grünhut*, é de 1430, conservado hoje na Casanatense de Roma (n. 216, catálogo sacerdote). Por fim, temos o *Epstein* de Viena (entre século XV e XVI), com escrita italiana¹².

De maneira genérica, por ser a primeira obra do tipo relato de viagens manuscrita em hebraico, e por outras características que apresentamos abaixo, é uma fonte importante para conhecer aspectos culturais hebraicos do século XII.

O CONTEXTO

Século XII d.C., Tudela, reino de Navarra, Espanha, relato de viagens manuscrito em hebraico, hebreu sefardita: temos os primeiros elementos de análise do recorte contextual. A denominação sefardita é utilizada para referir-se aos descendentes de hebreus imigrantes e habitantes da Península Ibérica (na época chamada de *Al-*

⁶ Cf. Llubera (1918).

⁷ Cf. Llubera (1918) e Levy (1987).

⁸ Cf. Amran (2007).

⁹ Cf. Llubera (1918).

¹⁰ Cf. Nom de Déu (2005, p. 466).

¹¹ Cf. Amran (2007, p. 15).

¹² Cf. Llubera (1918).

Andalus)¹³. A palavra tem origem em *Sepharad*, nome de uma localidade que aparece na Bíblia Hebraica (no livro de Obadias/Abdias, em nossa tradução aparece Sarepta¹⁴) e utilizado pelos próprios hebreus para denominar sua região na Península Ibérica. O rabino Benjamin, filho do rabino Jonas (conforme consta no prólogo anônimo da obra), é habitante de uma parte da Espanha sob o reinado de Navarra, convivendo com muçulmanos e cristãos aparentemente em certa liberdade, pois, caso contrário, sua própria viagem seria comprometida. Sumariamente, o contexto de desenvolvimento da cultura hebraica na Península Ibérica possui raízes com as rotas encontradas pelos primeiros hebreus viajantes no século III a.C. Porém, segundo as fontes, somente realçaram-se as manifestações culturais (filosofia, medicina, poesia, política e militarismo, assim como o desenvolvimento de uma mescla linguística) entre os séculos VII e IX d.C., numa cidade-estado sob o Império Islâmico, com certa aceitação religiosa diversa¹⁵. Em meio a disputas de poder entre religiões (árabes e cristãos), e às Cruzadas, Tudela mantinha-se numa região próxima ao rio Ebro, de manufatura de lã e peles¹⁶. Aquela terra onde mesclavam-se culturas e práticas não pode passar despercebida do olhar do pesquisador.

CAMINHOS DE PESQUISA

Até aqui, nesse recorte original, o livro em si desperta questões que ampliam o foco de estudo. Alguns caminhos de pesquisa podem ser pontuados, os quais já foram investidos mais ou menos pela literatura científica: as intenções da viagem, recepção da obra à época, as edições impressas e traduzidas do livro. O interessante será notar que cada um desses caminhos possíveis de investigação solicitarão um estudo contextual pertinente, já que a problemática envolve a história (social, cultural, econômica) hebraica e islâmica, e suas respectivas religiões, suas relações com os cristãos em meados da Idade Média, as práticas culturais em diáspora – em especial, aquela com chegada à Espanha – , os modos de relação dessas pessoas com a produção literária, entre outros aspectos.

¹³ Desdobraremos esta noção em momento específico do texto por causa de sua importância contextual. Além disso, daremos preferência ao uso pelas palavras hebreu, hebreia, hebraico e hebraica, em vez de judeu, judia, judaico e judaica, devido ao sentido pejorativo que estas últimas foram utilizadas ao longo da história, assim como as primeiras podem comportar de maneira mais ampla a dimensão cultural propriamente hebraica.

¹⁴ Cf. Abdias 1:20 (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012).

¹⁵ Cf. Stavans (2003, p. 10-11).

¹⁶ Cf. Beinart (1992).

Sabe-se pouco das intenções que levaram Benjamin a uma viagem ao Oriente: do motivo religioso emblemático, a busca pela Terra Santa, a um interesse “turístico” de localizar as comunidades hebraicas pelo Oriente, a intenções comerciais e até interesses “científicos”¹⁷. As quatro possibilidades podem ser postas sob questionamento.

Difícil é avaliar se houve uma intenção comercial para a viagem. Não sabemos ainda até que ponto a literatura aponta tal motivação como uma evidência constatável pela análise do contexto no qual Benjamin insere-se, ou se esse é um pré-julgamento comum aos hebreus¹⁸.

O motivo religioso é bastante plausível, visto que pode ser considerado um elemento inerente da religião hebraica e islâmica: a busca pelos terrenos sagrados¹⁹. Além de uma possível “conservação do espírito nacional”²⁰, hebreus e islâmicos pareciam ter uma motivação própria, de matizes religiosos, para o avanço no “conhecimento”. Como outros exemplos também conhecidos, temos Yehudah Há-Levi (1070/5-1141), Petah-yah de Ratisbona (Peta’hya miRegensburg)²¹ e Ibn ‘Arabî (1165-1240)²².

O interesse “turístico” é uma anedota para ilustrar um motivo de viagem que o fez localizar, quase numa forma de *census*, as comunidades hebreias da época, o que poderia facilitar a definição de rotas seguras e hospitaleiras para próximos peregrinos. Havia diversos locais espalhados com um agrupamento de hebreus, com suas *aljamas*²³, o que tanto poderia facilitar a movimentação e comunicação de Benjamin ao longo da viagem, como, na forma de intenção, ele poderia registrar e indicar os locais onde outros poderiam encontrar um lugar para ficar, por quaisquer razões²⁴.

Sob essa motivação, Benjamin realizou um registro que poderíamos enquadrar como antropológico e etnográfico, pois não só buscava contar o número de hebreus em cada cidade percorrida, mas também o que consideramos costumes e hábitos

¹⁷ Cf. Vernet (1962), Amran (2007) e Fenollós (2008).

¹⁸ Ver Arendt (2012).

¹⁹ Cf. Vernet (1962, p. 201), “viajar era quase uma imposição das religiões praticadas no mundo mediterrânico”.

²⁰ Cf. Llubera (1918).

²¹ Cf. Llubera (1918). Ver também Menocal (2002).

²² Ver Aboueleze (2007).

²³ É digna de nota a tese de Sánchez (1981), uma das primeiras produções monográficas acadêmicas sobre o estudo dos hebreus em Navarra e sua organização.

²⁴ Cf. Adler (1907, p. xii-xiii).

(alimentação, mitos, práticas sociais, condições de vida) e aspectos políticos e econômicos (rotas comerciais, portos, atividades artesanais), inclusive daqueles não-hebreus²⁵; também podemos localizar descrições – com bastante detalhamento verídico – que contribuem para um atual conhecimento geográfico e arqueológico. Nesse sentido, a literatura aponta uma contribuição relevante do livro de Benjamin para um saber do tipo científico, não só categorizando a obra como relato de viagem²⁶. Além dessa contribuição, é apontado que Benjamin produziu um diário que tanto ultrapassava os empenhos desse tipo de produção textual e aproximava-se ao perfil dos relatos árabes de viagem²⁷. Em termos estilísticos, assim como em obras islâmicas semelhantes, a descrição de Benjamin apresenta uma objetividade, sem especulações ou explicações sem fundamentos, nem lendários, mas em certos momentos com apoio nos aspectos da Bíblia Hebraica²⁸. A narrativa parece fruto de uma seleção específica daquilo que é de seu olhar interessado. Tais características permitiram um questionamento na literatura sobre o que as explicaria: a formação cultural hebraica e atuação dos hebreus como mediadores e/ou comerciantes podem relacionar-se com um desenvolvimento de uma cultura com avanços e sofisticções intelectuais²⁹. Como consta no prólogo da obra, tem-se como hipótese que sua condição social pôde ter favorecido a viagem não só em termos materiais, mas também em habilidades sociais específicas, como poliglotismo³⁰. Destarte, o livro manuscrito possui um caráter informativo, produto de uma viagem motivada em certo nível pela religiosidade, e produzido, em termos textuais ou estilísticos, com certa “objetividade científica”³¹. Por outro lado, é possível considerar essa escrita objetiva como um movimento que estipula uma certa autoridade. Estudar essa relação literária entre a produção textual na forma de relato de viagem num estilo hebraico e num estilo árabe seria interessante do ponto de vista de uma história do livro “pré-científico” e para entender o perfil de *homo viator*.

²⁵ Cf. Llubera (1918) e Nom de Déu (2005).

²⁶ Cf. Adler (1907), Vernet (1962) e Amran (2007).

²⁷ Cf. Vernet (1962, p. 202).

²⁸ Cf. Llubera (1918).

²⁹ Cf. Llubera (1918).

³⁰ Cf. Levy (1987).

³¹ Cf. Amran (2007, p. 24).

CONTRIBUIÇÃO E RECEPÇÃO DA OBRA

É possível categorizarmos e destacarmos as contribuições da obra, mas se estas foram de fato as mesmas para época é algo de difícil afirmação. No que tange à sua recepção, temos um único argumento na literatura consultada, em direção ao pequeno público que poderia ter aproveitado o material: um público reduzido, curioso e conhecedor da língua hebraica³². Não sabemos se tal afirmação fundamenta-se somente, por exemplo, numa demografia da época. Em outro sentido, parece ser uma possibilidade de lacuna de pesquisa interessante, pois, a título ilustrativo, mesmo sendo um público reduzido, este poderia estar espalhado, como indicamos acima.

Após um “silêncio” em relação às viagens a terras orientais entre a Idade Média (da primeira metade do século XIV) e a época Moderna (séculos XVI e XVII)³³, quem poderia ter recebido a obra?

Dando um salto em termos de recorte, um outro caminho de investimento de pesquisa sob esse objeto insere-se no debate do movimento humanista do Renascimento Europeu, e seu retorno aos clássicos, e as publicações possibilitadas tecnologicamente pela prensa tipográfica. Nesse sentido, podemos discutir a relação recepção da obra e interesses editoriais. Buscando analisar o interesse pelos clássicos na Era Moderna, um exemplo é Pietro della Valle (1586-1652), que viajou ao Oriente Próximo no início do século XVII, o que o caracterizaria como um “primeiro orientalista”³⁴. Também temos as edições dos clássicos feita pela casa de edição de Aldus Manutius (1450-1515). Assim, seria possível debruçar-se não somente sobre o livro original, manuscrito, em seu contexto próprio medieval, mas também examinar sua versão, editada e impressa, já após a “revolução tipográfica”. Além disso, como indicamos sucintamente a seguir, nesse novo recorte de análise poderá ser possível localizar e inserir-se no debate entre a dicotomia ocidente-orientes³⁵, em especial num estudo sobre os potenciais interesses, privilegiados ou não, de publicação.

³² Cf. Amran (2007, p. 16).

³³ Cf. Fenollós (2008).

³⁴ Cf. Fenollós (2008, p. 31).

³⁵ Nesse debate, ver a obra reconhecida de Said (2007).

A primeira edição (*editio princeps*) do *Livro de viagens*, com erros, é de 1543, feita em Constantinopla pela família de impressores de Soncino³⁶. Uma segunda edição principal, com menos erros que a *editio princeps* e com raízes no manuscrito *Epstein*, é a de 1556, de Abraham Ben Usque³⁷, impressor hebreu de origem portuguesa e localizado em Ferrara³⁸. Nessa linha de investigação dos modos de produção dos livros impressos³⁹, é possível investir num questionamento em direção às possibilidades de interesses (mormente comerciais e “institucionais”) dos editores modernos, comparando editores de origens familiares diferentes. No caso da edição de nosso livro-objeto, por exemplo, Soncino refere-se a uma família de hebreus vindos da Alemanha que habitavam a região noroeste italiana com o mesmo nome, no ducado de Milão. Assim como muitas outras de origem hebraica na região italiana, a família iniciou suas atividades com a prensa tipográfica em hebraico (mas também com outras publicações) seis décadas antes da edição do livro de Benjamin, como meio de subsistência, ficando reconhecida pelas impressões da Bíblia Hebraica em hebraico. Mesmo grande parte do tempo situada na Itália, a família trabalhou numa última fase em Constantinopla, sob os trabalhos de Eleazar b. Gershon por um pouco mais de uma década, quando o *Livro de Viagens* foi publicado⁴⁰.

A análise da família Soncino, suas três gerações, suas movimentações (e as razões para tais) pela Itália e pela Turquia, já seriam um caso interessante de estudo, tanto em si, como em comparação com as casas editoriais da época que também publicavam materiais do mesmo gênero, inclusive aquelas de interesse classicista. Tomando o *Livro de Viagens* como objeto, é possível perceber que sua publicação foi numa fase final da casa editorial e fora do território italiano, mas também fora do ambiente espanhol, terra natal de Benjamin quatrocentos anos antes. Interessante é notar também que a circulação do livro manuscrito, da Espanha para Itália, “cai nas mãos” de uma família de origem germânica e é publicado em Constantinopla. Seria interessante buscar fontes sobre o interesse pela publicação da obra. Possivelmente, por ser um manuscrito em hebraico, o próprio valor da “reliquia” com pertencimento hebreu já valeria o investimento.

³⁶ Cf. Vernet (1962, p. 202).

³⁷ Cf. Llubera (1918).

³⁸ Cf. Abraham Usque or Oshki (1842).

³⁹ Uma das vias de ampliação investigativa da história do livro, cf. Chartier (1981).

⁴⁰ Cf. Incunabula e Soncino.

As traduções impressas do manuscrito de Benjamin começaram na segunda metade do século XVI, com versões latina (de Benito Arias Montano/Bebed Aria Montano, em 1573/5, baseado na *editio princeps*, feita em Amberes, pela tipografia real Plautino), inglesa e francesa⁴¹. De uma maneira geral, as traduções apoiaram nas edições impressas *editio princeps* e de Ferrara. Interessante é notar que grande parte das traduções aconteceram na Alemanha, o que pode relacionar-se com o fato de haver um manuscrito de um copista germânico que chegou até nós. Além disso, curiosa é uma tradução para o francês publicada em Amsterdã feita por Jean Philippe Baratier (Johann Philipp Baratier), jovem excepcional de origem alemã que viveu apenas dezenove anos (1721-1740), tendo realizado o trabalho com apenas onze anos⁴².

É possível que com esses elementos a respeito das traduções, e seus contextos, possamos iniciar um estudo da recepção da versão editada. Uma outra situação que poderia servir como local de análise seria analisar as menções do livro nas sessões da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, fundada em 1663, com intenções gerais direcionadas ao que chamaríamos de manutenção patrimônio histórico. Pudemos localizar até o momento, nas atas das sessões, menções à Benjamin e seu trabalho a partir de 1865⁴³.

Após uma reconhecida tradução para o inglês de Asher (Londres, 1840), temos as primeiras traduções baseadas em manuscritos: a de M. N. Adler, em inglês de 1907 e a de I. G. Llubera, de 1918 em espanhol, versão disponibilizada para pesquisa com autorização do governo de Navarra, Espanha.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O interesse de publicação próprio do movimento humanista do Renascimento pode ser lido, em comunhão com a ótica da dicotomia ocidente-orientes, como um interesse exótico: um exotismo humanista. As razões do interesse pelos clássicos greco-romanos até que são bem conhecidas. No entanto, a busca por aquilo que está no orientes

⁴¹ Cf. Llubera (1918, p. 38) e Vernet (1962, p. 203).

⁴² Cf. Vernet (1962, p. 203) e Baratier, Johann Philipp (1911).

⁴³ Cf. de Longpérier (1865).

pode ter sido somente um interesse curioso. Isso possui implicações inclusive atuais nos estudos sobre o oriente e, em especial, sobre o povo hebreu.

No próprio contexto medieval próximo àquele vivido por Benjamin, uma certa disputa entre religiões pode ter marcado uma “estigmatização” dos hebreus; houve casos de acusação dos hebreus pelo uso de sangue humano para determinados rituais (*blood libels*); há também caricaturas de pessoas hebreias feitas por cristãos⁴⁴. Nesse sentido, e em especial no período moderno, a palavra “judeu” já continha algo de pejorativo, como um insulto a ser utilizado quando se está com raiva⁴⁵. Como no caso dos sefarditas, palavras foram direcionadas para discriminar (principal e negativamente) essas pessoas: *marrano*, em espanhol, que pode significar aqueles hebreus convertidos (*converzos*), mas que continuariam a praticar secretamente os hábitos de suas raízes religiosas⁴⁶.

Nesse sentido, parece haver um interesse por aquilo que se esconde, que está nessas raízes e que somente alguns possuem acesso secretamente; o hebreu torna-se exótico, pois algo pode ser revelado se bem investigado. Mesmo após uma nova diáspora para as Américas no período colonial destas, havia ainda tal discriminação. Mas, com a evidenciação paulatina dessas comunidades, seja através dos guetos, seja através do Holocausto, o interesse em estudar esse povo já possuía uma justificativa imediata. Assim, mesmo que uma leitura das fontes secundárias permita um acesso com mais recursos à obra (fonte primária), poucos estudos debruçaram-se de fato na produção cultural dos hebreus, vista a partir de sua lógica interna⁴⁷.

Um relato ou itinerário de viagem escrito por Benjamin, mas para quem ele escreve? Onde está Benjamin na obra? A intersecção das linhas de investigação História do Livro e Estudos de Cultura Material podem permitir um avanço não somente nessas perguntas, mas também para uma análise da lógica interna da obra, a partir de seu contexto, por exemplo, levando em consideração que o *Livro de Viagens* pode ter sido escrito para um povo, para a conservação de uma pertença hebreia, cujo documento pode ter possuído um valor em si⁴⁸. Será que toda a contextualização do *Livro de Viagens* de

⁴⁴ Cf. Beinart (1992).

⁴⁵ Cf. Stavans (2003, p. 12).

⁴⁶ Cf. Stavans (2003, p. 6).

⁴⁷ Cf. Stavans (2003).

⁴⁸ Ver Amitav Ghosh (1992), ao descrever a coleção *Cairo Geniza*, o caso de salvaguarda de documentos hebraicos por quase um milênio em uma sinagoga no Egito.

Benjamin de Tudela foi feita de fora, a partir de uma lógica externa, a partir de um olhar ocidentalizado? Na atualidade, com todos os conflitos constantes na região israelita, será que não continuamos a olhar com certo exotismo para essa conjuntura? Para além de uma esperança evangélica de que, ao realizarmos o estudo contextualizado do objeto proposto, poderemos construir um mundo mais pacífico, o esforço investigativo deve ser mais simples – não mais fácil por isso –, de fato em direção à compreensão do objeto circunscrito em seu contexto, especialmente a produção de Benjamin vista sob as lentes de origem hebraica. Tal investigação mais “visceral” em termos socioculturais que circundam contextualmente a obra também deve estar atenta para não criar um novo desequilíbrio: um olhar pré-conceituoso para árabes e cristãos da época a partir da ótica hebraica. É possível que uma “biografia das coisas” solicite e permita um nivelamento contextual no fazer historiográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOUELEZE, B. Le voyage dans *Kitâb al-isfâr ‘an natâ’y al-asfâr* d’Ibn Arabî: entre finitude et absolu. **CEHM**, n. 30, p. 185-195, 2007.

ABRAHAM USQUE or OSHKI. In: **The biographical dictionary of the Society for the diffusion of useful knowledge**. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1842. v. 1.

ADLER, M. N. **The itinerary of Benjamin of Tudela**. Critical text, translation and commentary. London: Oxford University Press, 1907.

AMRAN, R. El *Libro de viajes* de Benjamín de Tudela: del mito a la realidade histórico-geográfica. **CEHM**, nº 30, p. 13-24, 2007.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARATIER, JOHANN PHILIPP. In: **Encyclopaedia Britannica**. 1911. v. 3. Disponível em:
<http://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Baratier,_Johan_n_Philipp>, acesso em: 18/07/2014.

BEINART, H. **Atlas of Medieval Jewish History**. Jerusalem: Carta, 1992.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

CHARTIER, R. L’ancien régime typographique : réflexions sur quelques travaux récents. **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 2, 1981.

DE LONGPÉRIER, A. Note sur une aiguière en bronze de travail sicilien conservée au Louvre. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, ano 9, p. 310-314, 1865.

FENOLLÓS, J.-L. M. La torre de Babel, Heródoto y los primeros viajeros europeos por tierras mesopotâmicas. **Historiae**, n. 5, p. 27-50, 2008.

GHOSH, A. **In an Antique Land**. New York: Vintage Books, 1992.

INCUNABULA. In: **Jewish Encyclopedia**. Disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/8101-incunabula>>, acesso em: 17/07/2014.

JOHNS, A. Science and the Book in Modern Cultural Historiography. **Stud. Hist. Phil. Sci.**, v. 29, n. 2, p. 167-194, 1998.

LEVY, L. Un viajero medieval. Benjamin de Tudela. **Aldaba**, v. 5, n. 8, p. 55-58, 1987.

LLUBERA, I. G. **Viajes de Benjamin de Tudela 1160-1173**. Madrid: V. H. Sanz Calleja, 1918.

MENESES, U. T. B. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 243-262.

MENOCAL, M. R. Sailing Away, Riding Away. Alexandria, 1140. In: _____. **The Ornament of the World**. How Muslims, Jews, and Christians created a culture of tolerance in medieval Spain. New York: Back Bay Books; Little, Brown and Company, 2002.

NOM DE DÉU, J. R. M. Testemonios arqueológicos del Oriente Próximo reflejados en el *Séfer-Masa'ot* de Benjamín de Tudela (Siria-Palestina, Mesopotamia y Egipto). **Arbor**, v. 180, n. 711-712, p. 465-488, 2005.

REDE, M. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 133-150.

SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁNCHEZ, M. G. P. **Contribuição ao estudo dos judeus em Navarra durante a Idade Média**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SONCINO. In: **Jewish Encyclopedia**. Disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/13914-soncino>>, acesso em: 17/07/2014.

STAVANS, I. (ed.). **The Scroll and the Cross**: 1,000 years of jewish-hispanic literature. New York, London: Routledge, 2003.

VERNET, J. Benjamin de Tudela. **Príncipe de Viana**, 86-87, p. 201-211, 1962.